

**OS LIVROS COMO MEIO E O SER HUMANO COMO FOCO: HISTÓRICO,
PERFIL E CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS PRESTADAS POR DUAS
BIBLIOTECAS DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ-SP**

Luciana Cristina da Silva ANGELO¹

Wanderley CARVALHO²

RESUMO: Bibliotecas são consideradas instituições dinâmicas, dotadas de grande relevância social e alta capacidade de conectar pessoas. Segundo aponta a literatura da área, tais atributos parecem se ampliar em repositórios de acervo bibliográfico, que exibem caráter comunitário, já que passam a assumir também o papel de ponto de encontro e de lazer, além de contribuírem para a construção de um sólido senso de identidade e de comunidade. O presente artigo relata uma investigação exploratória, conduzida junto a dois estabelecimentos dessa natureza localizados em Jundiaí-SP. Os dados foram obtidos por meio de observação participante e entrevista semiestruturada. A análise descritiva dos resultados mostra que ambas as instituições são socialmente relevantes, muito embora possuam um potencial subutilizado.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca. Biblioteca Comunitária. Biblioteca local. Relevância social

**BOOKS AS A MEANS AND THE HUMAN BEING AS FOCUS : HISTORY ,
PROFILE AND SOCIAL CONTRIBUTIONS PROVIDED BY TWO LIBRARIES
FROM JUNDIAÍ -SP**

ABSTRACT: Libraries are considered dynamic institutions, endowed with great social relevance and high capacity of connecting people. According to the available literature,

¹ Discente do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Padre Anchieta, e integrante do Programa de Iniciação Científica da instituição. silvaangelol2@gmail.com

² Licenciado em Ciências Biológicas. Doutor em Educação. Docente dos cursos de Estética e Cosmética, Pedagogia e Psicologia, do Centro Universitário Padre Anchieta. quercus@uol.com.br

such features seem to widen in repositories of bibliographic collection, committed to the communities they serve, as they also play the role of gathering and leisure spaces, besides contributing towards the construction of a solid sense of identity and community. This paper presents and discusses findings of an exploratory research, carried out in two community centered libraries of Jundiaí-SP. Data were collected by participant observation and semi-structured interview. Descriptive analysis of results shows that both institutions are socially relevant despite having underused potential.

KEYWORDS: Library. Community library. Local library. Social relevance

INTRODUÇÃO

Juntamente com os museus, as bibliotecas desempenham o exclusivo papel de administradoras primárias da herança cultural, na medida em que chamam para si a responsabilidade de, ao mesmo tempo, preservar e tornar acessíveis, às futuras gerações, exemplares originais de materiais tangíveis e não tangíveis (PASTORE, 2009). Como decorrência natural desse fato, tais instituições têm, historicamente, atuado como provedores de informação, verdadeiros guardiões do conhecimento, assumindo-se como canais unidirecionais, por meio dos quais a informação flui exclusivamente no sentido “instituição → público”. Com o advento das redes de computadores e da sociedade da informação, as bibliotecas, atentas às novas demandas, ampliaram seus horizontes, passando a atuar como facilitadores capazes de proporcionar contexto, conteúdo e ferramentas, que encorajam as pessoas a questionar, pesquisar e explorar os mundos da informação, experiência e memória, a partir de um funcionamento típico de rede multicanal, na qual a informação flui não só no já mencionado sentido “instituição → público”, mas também nos sentidos “público → instituição” e “instituição → instituição” (PASTORE, 2009).

A despeito do grande potencial de conteúdo e experiência citado – graças ao qual é possível promover a circulação de informação e ideias entre indivíduos dos mais variados níveis sócio-econômico-culturais, idades e etnias, entre outras particularidades –, pode-se afirmar que, em grande parte das situações, as bibliotecas contam com recursos francamente acessíveis e de baixo custo. Dessa forma, não há como deixar de reconhecer

a importância desses ambientes na promoção da chamada aprendizagem por livre escolha (PASTORE, 2009).

Em um passado relativamente recente, as bibliotecas foram consideradas fortes candidatas a figurar, juntamente com livrarias, cafeterias, bares, salões de cabeleireiro e, evidentemente, museus, entre os chamados “terceiros lugares” (PASTORE, 2009). Trata-se de espaços comunitários neutros e seguros, nos quais as pessoas reúnem-se, de forma voluntária e informal, para afastar, primeiramente, as preocupações do trabalho e do lar, e para gastar o tempo simplesmente com os prazeres da boa companhia e da conversa cativante (OLDENBURG, 1999). Essa ambientação típica dos terceiros lugares praticamente nivela as desigualdades sociais porventura existentes, e promove o engajamento comunitário e os vínculos sociais, motivos pelos quais esse autor defende que tais espaços representam o coração da vitalidade social de uma comunidade e as bases da democracia.

Há fortes indícios de que esse importante papel das bibliotecas – de instituições dinâmicas, socialmente relevantes e capazes de conectar pessoas e ideias – será mantido no futuro; o que mudará, provavelmente, será a maneira como isso será feito. Nesse sentido, especialistas apontam para a necessidade delas de trabalharem em parceria umas com as outras e com espaços da mesma natureza, especialmente os museus, mantendo a sintonia com a variedade de vozes e visões de mundo do público que atendem, estabelecendo parcerias e implementando práticas que as coloquem e/ou mantenham como centros vitais das comunidades (PASTORE, 2009). Nesse sentido, vale registrar uma importante iniciativa levada a termo junto à Comunidade Paraisópolis, que consistiu na incorporação da biblioteca local a um sistema integrado de bibliotecas, no qual as unidades vinculadas trabalham em rede (ALBERTO, 2008).

No que tange às bibliotecas que desenvolvem um trabalho ativo junto às comunidades nas quais se encontram inseridas, os aspectos discutidos até aqui não só ganham notável força quanto mostram-se consideravelmente ampliados em sua abrangência. Antes de apresentá-los, porém, seguem-se alguns esclarecimentos imprescindíveis.

Entre um país e outro e até mesmo no âmbito de uma única nação, como de fato se verifica no Brasil, as denominações acerca desse tipo de ambiente costumam variar, sendo as mais comuns acompanhadas dos adjetivos “alternativa”, “comunitária”,

“popular” e “pública”, fato que gera sobreposições de ideias e, conseqüentemente, confusão conceitual. O termo “alternativa, por exemplo, foi cunhado por Almeida Junior (1997) para substituir a denominação “especial”, empregada para designar espaços informacionais criados, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, com a finalidade de atuar distintamente das bibliotecas públicas, então consideradas fiéis reproduzoras do pensamento das classes dominantes. Já o adjetivo “popular”, de uso pouco corrente, designa bibliotecas distritais ou de bairro, que vicejaram em vários estados do Brasil, entre as décadas de 1920 e 1960, como resultado de um projeto político-cultural engendrado pelas elites brasileiras, que tinha, como modelo, os padrões norte-americanos (MACHADO, 2008).

Passemos agora à distinção entre “popular” e “pública”, as duas maiores polaridades entre as quatro vertentes citadas, tarefa para a qual empregam-se os seguintes critérios: fundamentação, legitimidade, estrutura, hierarquia, constituição da equipe interna e postura desta. Dessa forma, as bibliotecas públicas estão fundamentadas em um projeto técnico, enquanto as comunitárias fundamentam-se em um projeto político-social. Ambas as categorias de bibliotecas diferenciam-se também quanto à legitimidade, que é dada via legislação, para a vertente pública e, pelo grupo, para a vertente comunitária. Decorrente desse fato, as bibliotecas públicas possuem estrutura vinculada a algum órgão governamental, ao passo que, nas bibliotecas comunitárias, o vínculo se dá com um grupo de pessoas, o que não impede o estabelecimento de parcerias ou obtenção de apoio junto a instâncias públicas ou privadas. Tais vínculos repercutem diretamente na hierarquia, que é rígida e exacerbada nas bibliotecas públicas, e sutil e flexível nas bibliotecas comunitárias. Como não poderia deixar de ser, bibliotecas públicas contam com pessoal pertencente aos quadros da administração pública, geralmente sem qualquer vínculo local, do bairro, diferindo, assim, consideravelmente, das bibliotecas comunitárias, nas quais atuam membros da própria comunidade. Por fim, enquanto a atuação das equipes das bibliotecas públicas é marcada pela dependência, nas bibliotecas comunitárias, o grande diferencial nesse campo é a autonomia (MACHADO, 2008).

Em suma, o que faz uma biblioteca merecer a denominação “comunitária” é o fato de configurar-se como um projeto de caráter social, que se estabelece como entidade autônoma, sem vínculo direto com instâncias governamentais, mas que pode vir a articular-se tanto com estas quanto com a iniciativa privada local, levada a termo por uma

única pessoa ou por um grupo por ela organizado, com o objetivo de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, e proporcionar sua emancipação social (MACHADO, 2009).

Cumpra esclarecer que o termo “biblioteca comunitária” teve seu emprego incorporado à parca literatura da área muito recentemente e que, se tomada como referência a literatura estrangeira, essa denominação se aplicaria a qualquer biblioteca que desenvolve um trabalho ativo junto à comunidade na qual se encontra inserida. Se, por outro lado, tomarmos por base a tipologia biblioteconômica, a maior parte dos estabelecimentos com esse perfil será enquadrada como pública, tendo em vista o seu propósito de, democraticamente, tornar o livro e a informação acessíveis à comunidade local (PRADO; MACHADO, 2008).

Um importante passo no campo conceitual relativo às bibliotecas comunitárias foi dado a partir da proposição do conceito de “território de memória” ou “território de cidadania”. Segundo Prado e Machado (2008, p. 10), para enquadrar-se nessa categoria, uma biblioteca dita comunitária deve preencher, no mínimo, cinco dos nove requisitos abaixo listados:

- a) Configurar-se como espaço dinâmico, que se transforma mediante as ações sociais, culturais, religiosas, econômicas e tecnológicas concretas de quem dele participa;
- b) Ter um passado histórico de atuação que revele características socioculturais e políticas que transcendam ao seu acervo existente;
- c) Estar localizada em regiões periféricas, seja na zona urbana, seja na zona rural;
- d) Ter sido criada horizontalmente, pela vontade e iniciativa da própria comunidade;
- e) Apresentar-se como um espaço público, aberto à participação ampla e democrática da comunidade e ao acesso à informação, à leitura, ao livro e a quaisquer outros instrumentos informacionais nela existentes;
- f) Atuar como um centro cultural local, com evidente valorização da ação cultural;
- g) Não ser uma instituição governamental e nem ter subordinação direta com a esfera pública, seja ela municipal, estadual ou federal, a não ser pela via de parcerias formais;

h) Não possuir vínculo, nem tampouco restrição a qualquer tendência política, ideológica e/ou religiosa e, sobretudo, não ser utilizada exclusivamente para benefício próprio de um indivíduo ou do grupo que a dirige;

i) Seguir os princípios da gestão participativa, estabelecendo articulações locais no sentido de fortalecer sistematicamente os vínculos com a comunidade.

Em suma, territórios de memória são locais criados por firme iniciativa de indivíduos ou grupos organizados nas periferias de áreas tanto rurais quanto urbanas, que assumem a tarefa de “ampliar o acesso à informação, à documentação, ao livro, ao conhecimento e ao debate sociocultural” (PRADO, 2010, p.145). Nesse sentido, tais estabelecimentos distinguir-se-iam daquelas bibliotecas que, apesar de se intitulem “comunitárias”, enquadram-se mais na categoria “privada”, pois apresentam-se como espaços fechados, nos quais o proprietário ou o grupo de administradores praticam uma gestão identificada com interesses pessoais ou do grupo gestor.

Feitos os devidos esclarecimentos conceituais e de volta à discussão em torno do potencial ampliado das bibliotecas comunitárias ou dos espaços com fundamentação, estrutura, hierarquia e propósitos semelhantes a estas, cumpre-nos, agora, apresentar os motivos para tal afirmação. Vamos a eles.

Primeiro, a exemplo de qualquer biblioteca, esses estabelecimentos propiciam acesso ao conhecimento, quer por meio da tradicional circulação de livros, quer por disponibilizar acesso à internet e ao uso de computador para edição de textos e outras tarefas (LY, 2010). Segundo, as circunstâncias socioeconômicas do bairro em que esses estabelecimentos se encontram, acrescidas ao fato de serem eles uma espécie de patrimônio da comunidade, surgido por iniciativa de uma pessoa desse mesmo local, fazem com que passem facilmente à condição de “terceiros lugares”, com a particularidade de serem percebidos como pertencentes à comunidade na qual se encontram inseridos. Terceiro, em decorrência desses dois fenômenos, a população em questão passa a se sentir mais valorizada, ao mesmo tempo que adquire um sólido senso de identidade e de comunidade (PROCTOR; SIMMONS, 2000).

No Brasil, partindo daquilo que o material bibliográfico e filmográfico parece indicar, há uma quantidade nada desprezível de iniciativas, cuja atuação é marcada não apenas pela prestação de serviços ligados à organização e tratamento da informação, mas

também por uma ação cultural mais ampla, inclusiva e, portanto, democrática. Vejamos alguns exemplos.

Em Limeira-SP, uma biblioteca comunitária, criada com livros encontrados no lixo, atende estudantes de baixa renda que, ali, obtêm material didático complementar, ao qual não teriam acesso por outra via. Além disso, incentiva os próprios cooperados a retomarem seus estudos (JORNAL DA GAZETA, 2007). A Biblioteca Comunitária Ugo Meregalli, localizada em Salvador-BA, atende cerca de 400 pessoas por mês, às quais disponibiliza não apenas o espaço para estudo e um acervo de aproximadamente dois mil livros – em sua maior parte, fruto de doações –, mas também acesso à internet (BOAS PRÁTICAS BAHIA, 2009).

Em Curitiba-PR catadores de papel decidiram montar uma biblioteca para atender os moradores do bairro de Vila das Torres (BLOGAMES, 2009). Em Joinville-SC, ao menos duas experiências, bem-sucedidas nesse âmbito, merecem ser citadas, ambas envolvendo a criação de bibliotecas na residência de um morador da comunidade (CANAL FUTURA, 2013).

No bairro de Paquetá, cidade do Rio de Janeiro-RJ, a Biblioteca Comunitária Graça Rios possui acervo de livros para empréstimo – em sua maior parte constituído de exemplares encontrados no lixo –, oferece aulas de informática, artesanato e pintura; promove palestras educativas aos domingos, empresta brinquedos para crianças pequenas, e oferece cesta básica e medicamentos, tudo com a colaboração de diversos doadores e voluntários das mais variadas especialidades (HUMANITARISMO!, 2014).

Em São José do Paiaí, comunidade com cerca de 800 moradores, pertencente ao município de Nova Soure-BA, funciona a biblioteca comunitária Maria das Neves Prado, com 45 mil volumes, a maior do nordeste a funcionar em área rural. Para o público adulto, seja ele do próprio local ou de comunidades vizinhas, a criação do espaço vem crescentemente incentivando a leitura e melhorando a autoestima (TAVARES 2008). Merece destaque o fato de essas repercussões positivas nas habilidades de leitura, no desempenho escolar e no fortalecimento da autoestima terem sido identificadas em um minucioso estudo conduzido por Krashen, Lee e McQuillan (2012).

Em Jundiá-SP, há várias iniciativas com histórias semelhantes às descritas. Nesta pesquisa, propusemos-nos a conhecer o histórico e o perfil de duas delas, bem como identificar as contribuições sociais prestadas ao público por elas atendido.

METODOLOGIA

Concebida nos moldes de estudo exploratório transversal, a pesquisa foi realizada em duas bibliotecas do município de Jundiaí-SP, com notada atuação comunitária¹. A coleta de dados foi feita entre os meses de julho e outubro de 2015, com o emprego de observação participante e entrevista parcialmente estruturada, conduzida junto aos responsáveis pelos estabelecimentos investigados.

A observação participante é uma técnica já consagrada em pesquisas de base antropológica (VIANNA, 2003) e traz a vantagem de o pesquisador atuar como integrante da vida do grupo investigado, com vistas a compreendê-lo a partir de uma leitura realizada de dentro. Com ela, obtivemos elementos que auxiliaram a compreender a dinâmica de frequência, utilização e atendimento dos espaços investigados. Por tratar-se de modalidade não estruturada de coleta de dados, a observação participante não partiu de roteiro pré-estabelecido (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Diferentemente da observação participante, a entrevista parcialmente estruturada conta com questões abertas preparadas previamente, porém o entrevistador possui plena liberdade para acrescentar e retirar perguntas ou alterar a ordem em que estas constavam originalmente. Tal “flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores [...]” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.188-189). As questões constantes deste instrumento de coleta abordaram informações relativas tanto ao histórico quanto à situação atual dos locais investigados em termos de estrutura física, situação legal, acervo, público atendido, serviços oferecidos, e recursos humanos e financeiros.

O projeto que deu origem à pesquisa aqui relatada recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Padre Anchieta por meio de protocolo CAAE 45022515.6.0000.5386.

¹ O termo “atuação comunitária” não remete necessariamente ao conceito de biblioteca comunitária apresentado na introdução do presente artigo.

RESULTADOS

Biblioteca “1”¹

Localizada em um bairro bastante próximo ao centro da cidade, a biblioteca “1” nasceu da preocupação do proprietário de um sebo de livros em atender não somente os consumidores de literatura que frequentavam o estabelecimento, mas também jovens trabalhadores que valorizam seu crescimento profissional — já que o local dispõe de materiais didáticos preparatórios para concursos públicos e livros para cursos técnicos —, além daqueles em busca de boa leitura, mas que, muitas vezes, não possuem recursos sequer para um lanche. Famílias que não possuem afinidade com a leitura e que, por consequência, consideram a compra de livros um gasto desnecessário, bem como professores, que lecionam para classes economicamente menos favorecidas e que não podem arcar com custos relativos à compra de exemplares para uso de seus alunos, também figuram entre os possíveis beneficiários da iniciativa.

O proprietário nasceu na cidade de Jundiaí, originário de uma família tradicional que, desde 1965, reside na região na qual se encontra a biblioteca. Utilizando os fundos do estabelecimento como moradia, cursou até o quinto ano de medicina, mas, com o falecimento da mãe, desistiu de concluir o ensino superior. Devido ao acúmulo de livros de literatura geral, enciclopédias, discos e brinquedos, entre outros objetos, surgiu e consolidou-se a ideia do sebo para venda, compra e troca de livros, que posteriormente fomentaria uma nova ideia – a de uma biblioteca que prestasse serviços gratuitos à comunidade.

Assim, no ano de 2008, por iniciativa pessoal, a biblioteca começou a funcionar, dividindo espaço com o sebo. O acervo era composto por cerca de dezoito mil títulos para empréstimo, resultado de doações, compras e de um conjunto de obras pertencentes ao próprio responsável pela iniciativa – conjunto este representado por enciclopédias e literatura infantil, infanto-juvenil e religiosa, entre outros.

¹ Por questões éticas e visando garantir o devido anonimato, os nomes de ambas as bibliotecas e das pessoas entrevistadas são omitidos.

O acervo inicial ampliou-se, ao mesmo tempo que a informação sobre uma biblioteca comunitária junto ao sebo espalhou-se rapidamente, fato que trouxe novos usuários e pesquisadores ao local. Diante disso, foi necessário estabelecer um espaço exclusivo para a biblioteca. Curiosamente, o imóvel ao lado, que pertencia ao proprietário do sebo e vinha sendo alugado para o proprietário de um outro comércio, vagou, levando o antigo locador a decidir utilizar aquele espaço para instalar a biblioteca. De fato, com algumas reformas, abriu um acesso do sebo para esse novo ambiente, que até hoje funciona como biblioteca.

Não é possível contabilizar o atual acervo da biblioteca “1”, pois houve muita compra de novos exemplares, doações chegam a todo o momento e todo o trabalho é realizado exclusivamente pelo proprietário. Entre os volumes, grosseiramente estimados em cerca de 18 mil, encontram-se títulos atuais, sejam eles *best sellers*, literatura geral, técnicos, culinários, religiosos, de autoajuda ou quaisquer outras categorias. Os livros estão por toda parte, em estantes de aço, madeira ou improvisadas com blocos de cimento, ou empilhados do chão ao teto entre os corredores que levam até um banheiro social. Há um *site* que apresenta os títulos cadastrados e que, lamentavelmente, encontra-se desatualizado, contudo serve de orientação para novos pesquisadores, no que se refere ao endereço do estabelecimento e aos gêneros literários disponíveis para empréstimo. De qualquer forma, o acervo encontra-se permanentemente à disposição do público, que realiza o empréstimo através de um simples cadastro para controle, para o qual exige-se apenas que o interessado informe os números de seus telefones fixo e celular, e apresente cópias simples da cédula de identidade (RG) e de um comprovante de residência. O empréstimo é realizado por quinze dias e pode ser renovado pelo mesmo período, por telefone ou pessoalmente, tudo absolutamente gratuito e, portanto, sem qualquer vínculo comercial. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 7 às 17 horas, sábados, das 7 às 12h30, e domingos, das 8 às 12 horas.

Desde as origens da biblioteca “1”, o público frequentador é composto por homens e mulheres de meia idade e jovens estudantes, em sua maior parte de classe econômica média, todos atendidos sem qualquer distinção de cor, raça, classe social, gênero ou procedência, haja vista que o local recebe pessoas vindas até de outros estados. O estabelecimento não possui registro junto à prefeitura, pois é uma propriedade particular de cunho social sem fins lucrativos.

Observações feitas diretamente no local mostram que o espaço da biblioteca não é adequado para pesquisas, pois, apesar de tratar-se de salão comercial com aproximadamente setenta metros quadrados, conta com iluminação deficitária e, conforme informado anteriormente, carece de um acervo adequadamente organizado. Para se ter acesso aos títulos específicos, é preciso solicitar a ajuda do proprietário, ainda que os frequentadores possam circular à vontade pelo local e garimpar a obra ou o título que lhes agrade ou pelo qual tenham interesse.

O idealizador e responsável pela biblioteca “1” não recebe ajuda financeira pública ou privada. Mantém o estabelecimento com recursos próprios, aqui incluída a mão de obra, e por isso tem consciência de que o espaço não atende seus frequentadores com a qualidade devida. Porém, acredita no potencial da biblioteca e lamenta a não participação e incentivo do poder público em ações particulares de incentivo à cultura sem ônus político-partidário. Pontua que a biblioteca atinge o seu objetivo, que é o de incentivar o hábito da leitura, para que as pessoas não percam a arte da crítica, a coragem de pensar e a ousadia de ser diferente. Trata-se, segundo ele próprio, de um trabalho tipicamente social. Em suas palavras, a biblioteca é “uma janela para o conhecimento”.

O movimento de pessoas na biblioteca “1” é constante e se dá em momentos inesperados, como resultado da procura pelo sebo, simples curiosidade dos transeuntes ou presença de frequentadores habituais já cadastrados; estima-se uma frequência semanal de cerca de 40 pessoas. Em diversas visitas de observação, foi possível constatar um aumento de circulação tanto aos sábados, provavelmente porque na praça ao lado funciona uma feira livre nesse dia da semana, quanto após feriados quando, segundo hipótese do proprietário, as pessoas organizam e limpam suas casas e escritórios, reunindo livros e revistas considerados obsoletos, os quais são levados para doação ao sebo ou, eventualmente, à biblioteca. No mês de julho, período de férias escolares, o público jovem fica reduzido, fato que o proprietário atribui à falta de atividades acadêmicas. A pequena parcela de jovens que se faz presente na biblioteca dedica-se à chamada “leitura deleite”. Já ao longo do semestre letivo, todos os dias da semana têm procura por livros de literatura acadêmica, para concurso público e renovação de títulos, e novos cadastros são realizados. Pelos motivos já apontados, os livros estão à disposição somente para empréstimo e não para consulta no local.

A biblioteca não dispõe de recursos humanos específicos para seleção, organização e catalogação dos títulos. Com a figura do (a) bibliotecário (a) ausente, tais tarefas são realizadas pelo proprietário e, eventualmente, por seu filho de onze anos, que ajuda na arrumação quando as portas estão fechadas. A inexistência de incentivos financeiros inviabiliza a contratação de funcionários. O proprietário se dedica e se esforça para deixar o ambiente mais acessível, no entanto é muito difícil, pois a quantidade de livros que se amontoam no chão parece não ter fim.

Biblioteca “2”

Localizada em uma área periférica de Jundiaí conhecida como Vetor Oeste, a biblioteca “2” originou-se a partir do interesse de uma empresa pertencente ao segundo setor, que atua com tratamento de esgoto, em mudar a visão da comunidade local em relação à instalação da empresa e também em valorizar o bairro, que é considerado “carente”. Sendo assim, o então presidente da empresa e amigo de uma professora com destacada atuação em projetos sociais na cidade de Jundiaí – entre os quais figura o atendimento a mulheres em situação de vulnerabilidade –, convidou-a para desenvolver um projeto voltado à cultura, que atendesse às possíveis necessidades dos moradores daquele bairro. Foi assim que, em dezembro de 2004, tendo aceito o convite da empresa, a professora alugou um salão onde anteriormente havia funcionado um bar, próximo ao atual endereço, mobiliou o espaço com estantes de aço, mesas e cadeiras. Sobre as mesas, disponibilizou papel sulfite e lápis coloridos e, na estante, organizou livros por categorias, tais como “escritores jundiaenses”, “poesias”, “infanto-juvenis”, “religiosos” e “infantis”. Em uma mesa tipo escritório, a professora, agora coidealizadora do projeto intitulado “biblioteca comunitária”, colocava-se à disposição para prestar informações e sanar as curiosidades dos visitantes acerca do que aquele espaço representava.

Essa pequena área de biblioteca, que tinha seu acervo composto por aproximadamente mil exemplares – oriundos de doações feitas por terceiros e pela própria professora coidealizadora, que disponibilizou títulos de sua biblioteca pessoal –, foi o ponto de partida para a sondagem das necessidades daquelas pessoas que por ali passavam, olhavam, comentavam e levantavam hipóteses sobre o que seria aquele local. Fato curioso, relatado em entrevista pela própria professora responsável pelo espaço, foi

o de que, no início, era relativamente comum que as pessoas ali entrassem de costas ou olhando para baixo, para não estabelecer nenhum tipo de contato. Pegavam o jornal, liam a notícia, folheavam algum livro e, depois, saíam sem dizer uma palavra. Posteriormente, ficou esclarecido que as pessoas temiam ser alguma ação político-partidária com fins eleitoreiros ou algo com repercussões nefastas para os moradores daquele bairro. Em aproximadamente seis meses, a barreira da incerteza foi vencida e o vínculo com a professora coidealizadora, estabelecido, por meio das atividades de leitura, dos desenhos e do diálogo instalado entre os próprios membros da comunidade, e entre estes e a profissional em questão.

Os objetivos do projeto de biblioteca foram apresentados aos moradores e bem aceitos por parte destes, possibilitando que, com a ajuda de voluntários da própria comunidade, juntamente com a professora responsável, os novos livros doados e comprados – segundo o desejo dos usuários, que demonstravam interesse por novos títulos – fossem devidamente organizados. Nessa ocasião, as estantes foram organizadas de maneira a facilitar a localização do livro por um público composto majoritariamente por mulheres pobres, analfabetas ou com pouca escolarização, e jovens e crianças em fase escolar. Assim, cada categoria de publicação era identificada por uma cor, de acordo com o seguinte padrão: a) amarelo: livros infantis; b) azul: livros infanto-juvenis; c) preto: livros de autores jundiáenses e poesia d) vermelho: livros religiosos e adultos.

O público aumentou e os interesses da comunidade foram sendo apresentados. Pensando nos jovens, a biblioteca trouxe um curso de grafite, que teve uma grande adesão em seu início, mas chegou ao final com apenas três alunos.

Um ano mais tarde, o espaço mudou para o atual endereço, que é o pátio da empresa proponente do projeto, e passou a oferecer uma gama cada vez maior de cursos e oficinas, transformando-se em um projeto social, com objetivos mais amplos que o incentivo à leitura, como o de proporcionar oportunidades de crescimento pessoal e profissional, a partir de valores que incluem integridade, cidadania, responsabilidade, iniciativa e dedicação. Com base nesses valores e nos propósitos, tanto da empresa proponente em sua atuação mais específica, quanto do projeto em si, o espaço recebeu um nome fantasia que remete ao “nascer para o novo”¹.

¹ Mantém-se aqui a mesma preocupação com os aspectos éticos e a garantia do anonimato, motivo pelo qual os nomes do espaço e da empresa idealizadora são omitidos.

O projeto se destina única e exclusivamente à população residente na comunidade na qual ele se encontra instalado e a moradores de outros dois bairros vizinhos. A adesão a essas atividades é realizada mediante inscrição e cadastro, que utiliza ficha própria, na qual constam dados pessoais e residenciais, local para foto, cópia do RG e do comprovante de residência. O cadastro é gratuito. As atividades socioeducativas oferecidas pelo local são desenvolvidas e pensadas para atender às diversas idades e ao contexto social no qual se insere o projeto, e são agrupadas da seguinte maneira:

a) Crianças e adolescentes em fase escolar (de 7 a 17 anos) – aulas-reforço de matemática e português, oficina de emoção com psicóloga, ginástica artística e dança, desenho, bijuteria, reciclagem, capoeira, tênis, futebol, recreação e preparação para o primeiro emprego. Há, também, acompanhamento dos alunos na escola por uma pedagoga.

b) Mulheres e adolescentes maiores de 18 anos - costura industrial, artesanato (crochê, tricô, bordado, tapeçaria), cabeleireiro e pedicure/manicure.

O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h, e das 13h às 17h.

Para que todas as ações listadas se efetivem, o espaço destinado ao projeto conta, no presente momento, com uma área de aproximadamente cinco mil metros quadrados, e está dividido da seguinte maneira: a) uma pequena recepção, que possui um quadro informativo da programação da semana e dos eventos; b) uma sala administrativa contígua à biblioteca; c) uma sala para atendimento psicossocial; d) uma sala de assistência social; e) um campo de futebol; f) uma sala para curso de cabeleireiro e manicure; g) uma brinquedoteca; h) um depósito de material esportivo; i) uma pequena quadra; j) um salão onde são realizadas as atividades de dança e ginástica; k) dois vestiários, um masculino e outro feminino; l) um banheiro adaptado para deficiente físico; m) uma cozinha; n) uma sala para aulas de reforço de português e matemática; o) uma sala para oficina de costura e uma sala para artes; p) um quiosque de sapé, à direita do campo de futebol, destinado à prática de jogos de tabuleiro.

Além do avantajado espaço físico, o projeto conta com uma equipe de profissionais e voluntários, que trabalha em função do bem-estar de seus atendidos. No total, são trinta

peças que compõem o quadro funcional, constituído por professores, voluntários para serviço de limpeza e jardinagem, voluntários para serviço de merenda, voluntários para os cursos de cabeleireiro, pedicure/manicure e artesanato; psicólogas, pedagoga e assistente social. Os prestadores de serviço são remunerados. Os voluntários recebem uma cesta básica por mês, para cada três horas de voluntariado por semana. Somente não são remunerados e não recebem cesta básica os professores de artesanato. Os professores, a psicóloga e a assistente social possuem formação em sua área, assim como os técnicos.

Além do investimento da empresa, o projeto conta com as seguintes parcerias: a) Cáritas Diocesana, que oferece os cursos profissionalizantes; b) Fundo Social de Solidariedade (FUNSS), que fornece as cestas básicas para voluntários e famílias cadastradas; c) Secretaria Municipal de Esportes, que disponibiliza dois professores para aulas de ginástica artística e atividades de movimento; d) Fundo Municipal de Assistência Social (FUMAS), que fornece a sopa servida aos frequentadores do espaço.

No ano de 2015, o projeto comemorou, com uma grande festa, os dez anos de vitória e conquista, reunindo atuais e antigos frequentadores, que prestigiaram o evento com muita emoção e gratidão, fato que, segundo a entrevistada, reforça a tese de que a iniciativa leva esperança pessoal e profissional para as famílias, e de que “sem disciplina ninguém evolui”.

A biblioteca, hoje, divide espaço com a administração do local em uma área aproximada de 110 m², e seu formato original é mantido, ou seja, estantes de aço que abrigam os livros, e a mesa com papel e lápis colorido para atividades de colorir, desenhar, escrever etc., porém com um diferencial: o acervo cresceu e as estantes estão identificadas por etiquetas indicativas da categoria à qual pertencem as obras que ali se encontram. O local possui uma grande quantidade de livros infantis, infanto-juvenis, paradidáticos, de poesias, religiosos, de autoajuda e de autores jundiaenses, além de gibis e uma coletânea de livros de jovens autores da EMEB Ivo de Bona, escola parceira da biblioteca “2”. Como cortesia e incentivo à leitura, o Jornal de Jundiá disponibiliza à biblioteca um exemplar/dia, que fica disponível, para leitura, aos jovens e adultos da comunidade que utiliza o espaço.

O incentivo de leitura e literatura junto à Emeb “Ivo de Bona” rendeu a criação do projeto “Jovens Autores”, que teve início no ano de 2008. Tal projeto estimula a produção de gêneros textuais pelos estudantes do 3º ao 9º ano, de maneira que suas

produções circulem na comunidade em forma de livro produzido pela Max Editora. Ressalte-se que, como integrante de um projeto mais amplo, a biblioteca “2” conta com recursos financeiros oriundos do segundo setor, dentro da área de responsabilidade social da empresa idealizadora.

Não é possível precisar a quantidade, porém estima-se serem dois mil livros a compor o acervo atualmente. O controle de empréstimo é realizado pela secretária, que também auxilia na localização de algum título específico solicitado pelos frequentadores. Portanto, a biblioteca “2” também não conta com a figura de um (a) bibliotecário (a). O acervo se renova por meio de novas doações e também por compras, para as quais os usuários, assim como os professores de reforço escolar, podem indicar novos títulos. O ambiente favorece a consulta e pesquisa no local, o que incentiva as crianças na realização de suas atividades escolares.

Semanalmente, trezentas pessoas, em média, beneficiam-se dos serviços prestados pelo projeto, sendo o maior movimento verificado às terças-feiras, devido ao número de cursos que acontecem nesse dia da semana. Desse total de frequentadores, cerca de $\frac{1}{4}$ faz uso da biblioteca, em sua maior parte os estudantes que participam do reforço escolar e da preparação para o primeiro emprego. O público-alvo desses cursos que, diga-se de passagem, não acontecem no âmbito da biblioteca, são mulheres, crianças e adolescentes de classe pobre. As mulheres possuem entre dezoito a quarenta anos de idade, com escolarização que, em média, não ultrapassa o 6º ano do Ensino Fundamental; a idade das crianças e adolescentes que cursam os níveis Fundamental e Médio de ensino varia entre sete e dezoito anos. Os menores de sete anos, que também são atendidos no projeto, são aqueles cujos irmãos por eles se responsabilizam no contraturno escolar.

No mês de julho, há um aumento relativo de crianças e adolescentes fazendo uso do espaço, mas não exatamente da biblioteca. A professora coidealizadora, que hoje atua como coordenadora de projetos socioeducacionais da iniciativa, informou que planeja diversas atividades recreativas e de lazer para jovens e crianças – os quais, no período de férias escolares, permanecem mais tempo ociosos –, com o intuito de não deixá-los presos em casa sem ter o que fazer. Pelo que foi possível apurar até o momento, as citadas atividades não incluem a biblioteca.

A tabela 1 traz uma síntese dos principais dados relativos a ambas as bibliotecas investigadas.

Tabela 1 – Síntese comparativa envolvendo os principais quesitos que caracterizam as bibliotecas “1” e “2”.

| QUESITOS | BIBLIOTECA “1” | BIBLIOTECA “2” |
|---|--|--|
| Tempo de atuação (ano-base 2015) | 7 anos | 10 anos |
| Responsável pela iniciativa | Proprietário | Empresa privada |
| Área do imóvel | ≈ 70 m ² | ≈ 110 m ² |
| Registro junto a órgão público | Não possui | Sim |
| Acervo para consulta | Não possui | ≈ 2 mil |
| Acervo para empréstimo | ≈18 mil | ≈ 2 mil (o mesmo p/ consulta) |
| Catálogo dos títulos | Não há | Sim |
| Frequência semanal | ≈ 40 | ≈ 75 |
| Perfil sócio-econômico-cultural dos frequentadores | Homens e mulheres de meia idade com escolaridade média ou superior e jovens estudantes de classe média | Crianças, jovens e adultos (os últimos, pouco escolarizados) de classe pobre |
| Outros serviços | Não há | Reforço escolar Preparação para o primeiro emprego |
| Equipe interna – constituição | Proprietário Filho (eventualmente) | Coordenadora de projetos socioeducacionais Secretária administrativa Professora de português Professora de matemática |
| Origem dos recursos | Própria | Empresa privada |
| Parcerias | Não possui | EMEB Ivo de Bona Jornal de Jundiáí |

Como se pode notar, ambas as bibliotecas são praticamente contemporâneas em termos de criação e resultam de uma evidente preocupação em proporcionar oportunidades de crescimento pessoal aos seus usuários, porém em nenhuma delas a iniciativa partiu da própria comunidade. A propósito, este é um dos principais aspectos que dificultam a classificação de ambos os estabelecimentos como bibliotecas comunitárias.

No que diz respeito ao acervo, respeitadas as especificidades do público atendido, ambas contam com variedade e quantidade de títulos satisfatórias, com alguma vantagem para a biblioteca “2” pela organização/catalogação dos volumes e por oferecer possibilidade de consulta no local. A inexistência de um espaço para consulta na biblioteca “1” parece ser compensado, ao menos parcialmente, pela ampla disposição do proprietário em emprestar, com possibilidade de renovação, qualquer título disponível.

A biblioteca “1” parece estar em desvantagem também quanto à equipe interna, representada quase que exclusivamente pelo proprietário, e pela completa ausência de parcerias, sejam elas de que ordem forem. A inexistência de outros serviços não parece ter relevância nesse caso, dados a natureza, o público e os propósitos do estabelecimento que, por seu forte vínculo com o sebo do qual se originou e pela variada procedência dos seus frequentadores, mostra-se bastante dinâmico e culturalmente rico.

Já a biblioteca “2”, apesar de oferecer reforço escolar e preparação para o primeiro emprego como serviços adicionais, aparenta ter nestes a principal razão da sua existência, fato que nos leva a questionar a adequação do emprego do adjetivo “adicionais” no caso. Tal fato não desqualifica, em absoluto, a atuação do estabelecimento, mas conduz à inevitável indagação quanto aos motivos que levam o trabalho de incentivo à leitura junto à numerosa comunidade por ele atendida não ser desenvolvido a contento. Ressalte-se, por outro lado, que a biblioteca em questão atuou como uma espécie de germe, de embrião, daquilo que é, hoje, um grande, em todos os sentidos, projeto comunitário. Trata-se, por si só, de um destacado mérito, mas nossas observações sugerem haver, por parte da coordenação, um entendimento que não faz distinção entre as atuações da biblioteca, como espaço informacional e de incentivo à leitura, e do projeto que ela inspirou e do qual ela hoje faz parte.

CONCLUSÕES

Não há como negar a grande relevância social dos locais investigados. Contudo, a análise dos dados nos mostra que ambos possuem um potencial de atuação muito maior, que permanece como que adormecido pela não observância de alguns quesitos fundamentais.

A biblioteca “1” carece de recursos humanos, instalações e organização interna para converter plenamente seu potencial em ação. Considerando-se que a chave para suprir tais deficiências consiste, basicamente, na existência de recursos financeiros, uma possível solução seria a busca por parcerias e/ou alguma modalidade de patrocínio.

Para a biblioteca “2”, o encaminhamento que nos parece mais adequado seria procurar rever os seus propósitos, a fim de identificar se estes estão alinhados, prioritariamente, com o trabalho de reforço escolar e preparação para o primeiro emprego ou podem assumir maior abrangência, para a qual entendemos que o estabelecimento está preparado, com atividades concretas de incentivo à leitura junto a públicos de todas as faixas etárias e níveis de escolaridade. Em um país em que o número de livros lidos por habitante não ultrapassa, em média, a marca de dois por ano, tal medida ampliaria, em muito, as contribuições sociais prestadas pelo local.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, S.M.R. Paraisópolis: relato do processo de transformação da biblioteca comunitária em rede do conhecimento. *CRB-8 Digital*, São Paulo, 1 (2), pp. 38-42, out., 2008.

ALMEIDA JUNIOR, O.F. *Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas*. Londrina: Editora UEL, 1997.

BLOGAMES. *Catadores montam biblioteca com livros catados no lixo*. Enviado em: 09 set. 2009. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=QARi91ht2yw&feature=em-share_video_user >. Acesso em: 10 abr. 2015 03 h 42 min.

BOAS PRÁTICAS BAHIA. *Biblioteca comunitária Ugo Meregalli-Salvador*. Enviado em: 14 dez. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5T4QyPCUeUM&feature=em-share_video_user>. Acesso em: 12 abr. 2015 11 h 46 min.

CANAL FUTURA. *Bibliotecas comunitárias*. Enviado em: 21 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H0j0biJBEuI&feature=em-share_video_user>. Acesso em: 10 abr. 2015 03 h 09 min.

HUMANITARISMO! *Biblioteca comunitária Graça Rios*. Enviado em: 10 ago. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NsApAh311E&feature=em-share_video_user>. Acesso em: 12 abr. 2015 13 h 56 min.

JORNAL DA GAZETA. *Catadoras formam biblioteca com livros encontrados no lixo*. Enviado em: 14 out. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zv8XrBBiP1s&feature=em-share_video_user>. Acesso em: 10 abr. 2015 03 h 09 min.

KRASHEN, S.; LEE, S. McQUILLAN, J. Is the library important? Multivariate studies at the national and international level. *Journal of Language and Literacy Education* [Online], 8 (1), 26-38. Disponível em: <http://jolle.coe.uga.edu/wp-content/uploads/2012/06/Is-the-Library-Important.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2015

LAVILLE, C. ;DIONNE, J. Em busca de informações. In: _____. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. pp. 165-231.

LY, C. More than a library?: urban poverty and an exploratory look at role of a neighborhood insitution. *Perspectives on urban education*, pp. 22-33, Fall 2010.

MACHADO, E.C. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.7, n. 1, pp. 80-94, jul./dez. 2009.

MACHADO, E. C. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLDENBURG, R. *The great good place: cafes, coffe shops, bookstores, bars, hair salons, and other hangouts at heart of a community*. 3 ed. Jackson, TN: Da Capo Press, 1999.

PASTORE, E. *The future of museums and libraries: a discussion guide (IMLS-2009-RES-02)*. Institute of Museum and Library Services. Wasington, D.C., 2009.

PRADO, G.M. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. *Inc. Soc.*, Brasília, DF, 3 (2), pp. 143-149, jan./jun., 2010.

PRADO, G.M.; MACHADO, E.C. **Território de memória**: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: IX ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo, SP, 2008. Disponível em: <http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/eventos/ix-enancib-encontro-nacional-de-pesquisa-em-ciencia-da-informacao>. Acesso em 14 set. 2015 14 h 10 min.

PROCTOR, R.; SIMMONS, S. Public library closures: the management of hard decisions. *Library Management*, 21 (1), pp. 25-34, 2000.

TAVARES, T. *Biblioteca comunitária*. Enviado em: 21 mai. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=auhkbvpezHU>>. Acesso em: 14 abr. 2015 15 h 50 min.

VIANNA, H.M. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003